

# O que Sarney não disse

JOSEMAR DANTAS

Na entrevista que concedeu aos correspondentes estrangeiros, o presidente Sarney reafirmou o compromisso da Nova República de não abdicar da retomada do crescimento econômico nas negociações com o Fundo Monetário Internacional. Essa disposição corresponde aos termos do pacto político celebrado com a sociedade durante a campanha civilista desencadeada pelo falecido presidente Tancredo Neves. Faltou ao Chefe do Governo dizer isso claramente aos correspondentes, todos sem exceção, interessados em conhecer as motivações políticas da nova gestão instalada no País.

Se, no geral, Sarney se houve bem na entrevista, principalmente quando assegurou o interesse do Governo em honrar os compromissos externos, mostrou-se incompleto na definição da política a ser seguida no resgate da dívida. Bem poderia ter ido mais adiante, com o esclarecimento de que a retomada do crescimento constitui garantia adicional aos credores internacionais. Parece óbvio que se o País deixar-se medicar pela terapia recessionista do FMI não poderá expandir sua economia e, desse modo, suas exportações seguramente mergulharão em declínio.

Ora, caso se veja privado de consolidar o seu comércio exterior, o Brasil não terá acesso a excedentes cambiais para amortizar a dívida externa. Portanto, o crescimento econômico deve ser posto perante os credores como uma condição essencial para que possam ressarcir-se. Em consequência, a posição mais lógica dos parceiros comerciais do Brasil seria a de apoiá-lo em sua decisão de buscar o desenvolvimento.

Os correspondentes estrangeiros, principalmente os das potências industrializadas, expressam de alguma forma os interesses nacionais de seus países de origem. A ocasião se oferecia bastante favorável para que Sarney conduzisse a entrevista, nesse particular, com a visão projetada para o conjunto de interesses internacionais, dentro do qual se localiza a dívida externa brasileira. Uma abordagem mais crítica desse tema haveria de colocar a questão do protecionismo fiscal. Como se sabe, os Estados Unidos impõem taxações exageradas sobre os produtos brasileiros de exportação. E, no momento, cogitam aumentar os percentuais dessas taxas, hipótese que, caso seja consumada, implicará o virtual fechamento do mercado norte-americano ao comércio exterior do Brasil.

4 JUL 1985

4 JUL 1985

CORREIO BRAZILIENSE